

MIGUEL DE UNAMUNO (1864-1936)



Nós, ocidentais, o que primeiramente somos é anti. Depois é que resolvemos o que havemos de ser.

Nasce em Bilbao. Estuda e doutora-se em Madrid e torna-se catedrático em Salamanca. Reitor desta Universidade, de 1900 a 1924 e de 1931 a 1936. Primeiro, é desterrado pela ditadura de Primo de Rivera, passando para as Canárias e, depois, para França, donde apenas regressa em 1930. Retoma o reitorado até às vésperas da morte em 31 de Dezembro de 1936, dado ter sido destituído pelo franquismo em Outubro desse ano. Logo em 1895 advoga a necessidade de regeneração de Espanha baseada na abertura à Europa e no abandono da casta histórica. Fala na necessidade de uma *intra-historia*, na *vida silenciosa de milhões de homens sem história* donde vive a verdadeira tradição. Considera que a europeização significa uma adesão à *tradição universal, cosmopolita*.

Mas, dois anos depois, já afirma a primazia do espírito espanhol face ao europeu. Porque os espanhóis são mais apaixonados do que sensuais, mas arbitrários do que lógicos. *Lo somos y debemos seguir siendolo*. Neste sentido, defende a espanholização da Europa, tal como já defendera a Portugalização de Espanha. Os espanhóis são marcados pelo sentimento trágico da vida, por um imortal conflito entre a razão e a fé, entre a inteligência e o sentimento, pólos insusceptíveis de conciliação. Mas a fé só será fecunda e salvadora quando tiver por base a luta constante entre o cepticismo racional e a ânsia vital da imortalidade. Em 1925, bastante influenciado por Kierkegaard, defende a agonia no sentido etimológico, como luta, considerando que o desassossego e a inquietude constituem a base da autêntica vida religiosa. Neste sentido, é um dos precursores do existencialismo. Aranguren refere a origem protestante deste

modo de pensar e de sentir, dado que salta do desespero para o seu contrário, a fé, tal como Kierkegaard e Lutero. Merece destaque a sua íntima relação com Portugal e os portugueses, tanto pelo estudo que fez de Oliveira Martins e Antero de Quental, quanto pela ligação epistolar que manteve com Manuel Laranjeira, Teixeira de Pascoaes, Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra e Fidelino de Figueiredo. Considerou-nos um povo de suicidas, mas também propôs a portugalização da Espanha, isto é, o renascimento do pluralismo das autonomias políticas das Espanhas.

En torno al Casticismo, 1895

La Crisis del Patriotismo

La Vida de Don Quijote y Sancho, 1905

Por Tierras de Portugal y España, 1911

Del Sentimiento Trágico de la Vida en los Hombres y los Pueblos, 1913

La Agonía del Cristianismo, 1925

Ensaíos, 1945. Cfr. *Obras Completas*, 16 vols., Madrid, Ediciones Afrodísio Aguado, 1959-1964, com prólogo e notas de Manuel García Blanco.

➤ 1913 *Sentimiento (Del) Tragico de la Vida*

📁 Cantista, Maria José, «Unamuno», in *Logos*, 5, cols. 322-326.